

III

IMPORTÂNCIA DA BATALHA

Quem ignora que a primeira lei da história é não ousar dizer a menor falsidade, e a segunda não nos faltar jãmais valor para dizermos a verdade?

CÍCERO.

O nosso *Alexandre Herculano* ⁽¹⁾ escreveu a propósito de Ourique o seguinte, que muito convém recordar neste momento: «entrados na época da batalha de Ourique

(1) Sirvo-me da edição da História de Portugal dirigida por *D. Lopes* (7.^a ed., 1914); cfr. págg. 165 e segg.

e *constrangidos* pelo, às vezes bem triste, dever de sinceridade a *reduzir às suas dimensões verdadeiras um facto que à tradição dos séculos aprouve cercar de fábulas não menos absurdas que brilhantes*, cumpria-nos dar a conhecer a situação de êsses homens que nos campos do Alentejo vinham combater com os duros cavaleiros de Afonso Henriques», o que H. faz a seguir. Depois vêem estas afirmações: «à excepção de esta (o concurso das mulheres almoravides), as circunstâncias da batalha de Ourique ignoram-se inteiramente. *As crónicas cristãs coevas ou quasi coevas que a mencionam fazem-no em bem curtas palavras, e nos diversos escritores árabes que nos transmitiram a história de Espanha neste período não se encontra o mínimo vestígio de um facto que pouco devia avultar* no meio dos graves acontecimentos que então passavam na scena política, tanto na Península, como na África. Sabemos só que Afonso Henriques desbaratou os sarracenos.....»: «foi ganhada esta batalha, que tão memorável se tornou com o correr dos tempos, a 25 de Julho de 1139. Não consta, porém,

ao certo quais fossem as conseqüências de ela. A mais provável é a das devastações ordinárias nestas correrias quando eram bem sucedidas. *A audaz empresa do príncipe dos portugueses fôra, como êle mesmo no-lo assegura um verdadeiro fossado*, isto é, uma de essas entradas que todos os anos se renovavam pelas fronteiras dos sarracenos, e para as quais, pelas suas cartas de foral, eram obrigados a marchar os cavaleiros.....;" *"As circunstâncias peculiares que neste concorreram, sendo o primeiro tentado pelos portugueses além do Tejo e conduzido pelo próprio infante no sertão do Gharb, aonde nunca ou raramente os cristãos haviam chegado, contribuíram, acaso, para que a tradição engrandecesse pouco a pouco o sucesso, a ponto de o tornar maravilhoso até o absurdo."*

Finalmente *Herculano* friza com tôda a nitidez: *"se acreditarmos os cronistas antigos e ainda os historiadores modernos a batalha de Ourique foi a pedra angular da monarquia portuguesa"*, pois ali os soldados aclamaram monarca D. Afonso Henriques.

Fizemos propositadamente estas transcrições pois com elas fica perfeitamente equacionado o problema da importância da Batalha; e não vemos quem melhor o tenha posto em posição.

Demonstremos.

Aparte a tese da batalha se ter ferido no Alentejo a que parece oporem-se boas razões de ordem estratégica ⁽¹⁾ todos os

(1) *D. Lopes* escreve a este propósito : a hipótese Alentejo é inaceitável. Não se compreende na verdade a expedição de D. Afonso Henriques tão longe do seu país, e quando a linha do Tejo, com Lisboa e Santarém, ainda estava em poder dos inimigos. Estamos em 1139. A capital do condado de Portugal era Coimbra. Leiria, Ourem e Tomar eram as atalaias da sua fronteira ao sul. O nosso primeiro rei, que avançava sempre tão prudentemente e de fito feito, seria capaz de, cegamente e sem objectivo aparente, se introduzir assim tão fundamente no país inimigo? É com certeza fazer injúria ao seu talento militar querer que fôsse até Ourique, só porque velhos cronistas, amantes do maravilhoso, assim o pretenderam. Ainda se compreendia o feito se fôsse contra uma cidade ou fortaleza importante dos muçulmanos, mas a batalha deu-se em lugar êrmo (obr. cit. pág. 166).

Outros argumentos invoca *D. Lopes* mas são

Autores, que vou citar, são concordes em aceitar, nas suas linhas gerais, as proposições de *Herculano*.

Assim *Coelho da Rocha* ⁽¹⁾ dizia referindo-se à batalha de Ourique: «esta batalha deve ler-se na *Chronica Gothorum*. Apêndice à p. 3 da *Monarch Lusit*. É o documento originário, de onde passou para os cronistas e historiadores, os quais têm escrito este acontecimento com mais desvanecimento e maravilhoso, do que exactidão».

desnecessários para aqui; basta este q. é edificante: Rodrigo de Toledo, do século XIII, dedicou um capítulo especial «às batalhas insignes do rei de Portugal, Afonso», e nêle não se faz referência a essa batalha, o que prova, não que se não desse, *mas que não deve ter tido importância*. A tradição não é, pois, coeva com os factos que refere, mas formou-se muito depois, e nestas condições nada prova a favor da hipótese do Alentejo (obr. cit. pág. 169; Cfr. *Herculano* obr. cit. pág. 285 onde naturalmente *D. Lopes* foi beber esta informação).

(1) *M. A. Coelho da Rocha*. Ensaio sobre a Hist. do Gov. e da Leg. de Port., 5.^a ed., Coimbra 1872, pág. 43, nota 1.

Por sua vez *Pinheiro Chagas* ⁽¹⁾ aludindo às conjecturas de Herculano escreveu: «as conjecturas do nosso eminente historiador parecem-nos altamente prováveis, mas são simplesmente conjecturas, e conjecturas que sofrem contradição, ainda que frouxa. Não a levantaremos, e limitar-nos-emos a expôr a verdade, que da contenda saiu incólume e radiosa. O ponto enquanto a nós ainda conjectural é o seguinte: Foi ou não importante a batalha de Ourique em si? Entraram ou não em combate numerosas fôrças muçulmanas? O ponto incontroverso é o seguinte: *a batalha de Ourique não fundou a independência portuguesa; a batalha de Ourique não teve conseqüências de importância alguma*. Para isso nem precisavamos de outras provas senão do encadeamento de factos adquiridos sem contestação para a história».

E *P. Chagas* discorre do seguinte modo para justificar as suas afirmações:

(1) *Manuel Pinheiro Chagas*, História de Portugal, 3.^a ed., 1.^o vol., Lisboa, MDCCCXCIX, págg. 24 e 25.

«A batalha de Ourique foi dada em 1139 no coração do Alentejo, e em 1147 é que se tomou Santarém, Lisboa, Sintra, Palmela, Almada, em 1158 Alcácer; quer dizer, ganha-se uma batalha tão importante, e não se adquire um palmo de terreno, as fronteiras portuguesas não avançam uma polegada, e a torrente dos cavaleiros portugueses, sulcando as províncias muçulmanas, reflue para àquem do Tejo, deixando apenas no seu caminho um rasto de devastação. Mas em troca inflige-se uma tal lição aos Sarracenos que êstes fiquem para sempre respeitando o território português, e que não ousem mais franquear a linha divisória traçada pelo montante do vencedor de Ourique? Também não: na primavera de 1140 os muçulmanos atravessam o Tejo, tomam de novo e arrazam Leiria, internam-se em Portugal, e chegam a Trancoso, que arrazam igualmente, e onde são outra vez desbaratados pelo terrível Afonso, que voara do norte em defesa das suas fronteiras! Então porque foi finalmente a batalha de Ourique o ponto de partida da monarquia portuguesa? Porque nessa

batalha os portugueses entusiasmados aclamaram rei o seu valoroso chefe? Admitamos a tradição como verdadeira, apesar-das considerações que militam contra ela. Mas êsse facto dava importância à batalha? Daria se a vitória tivesse de ser a gloriosa confirmação do título, se obrigasse os vencidos a reconhecerem-no. Mas uma vitória, dez, trinta vitórias contra os Sarracenos nada serviam para confirmar o régio título ao príncipe português. Não eram os Sarracenos que lho disputavam, era Afonso de Leão que lho negava».

Como se vê *P. Chagas* vai de acôrdo com a tese geral de *Herculano*.

Num ainda recente e bem elaborado compêndio escolar topamos com a subsequente afirmação, que justifica o que sustentamos àcerca de *Pinheiro Chagas*:—
«a crítica histórica reduziu o acontecimento às suas justas proporções. A batalha de Ourique, a qual parece ter-se travado cerca de três léguas ao sul de Santarém, foi o desfecho de um fossado, isto é, de uma de essas entradas que todos os anos se renovavam pelas fronteiras dos Sarracenos.

Pouca importância deveríamos atribuir a esta jornada, se não fôsem as consequências de ordem moral que parece ter tido, animando os portugueses a maiores empreendimentos» (1).

O Prof. *David Lopes* no seu PORTUGAL CONTRA OS MOUROS (2) também escreveu: «já oito anos antes (de 1147) D. Afonso vencera os mouros em Campo de Ourique. Exagerou-se muito a importância de essa batalha e tem-se querido que ela se travasse no baixo Alentejo...

No fascículo XII do vol. I, referente a 1925, da revista — *Brotéria* —, o Snr. *Luís G. de Azevedo* faz uma série de considerações acerca da crónica dos Godos e da batalha de Ourique.

Ouçamo-lo porque o seu ponto de vista, vem, no fundo, reforçar as opiniões anteriores quanto à importância da batalha:

(1) Vid. *Manuel Paulo Merêa e Damião Peres*, História de Portugal, Coimbra, 1921, págg. 29 e 30.

(2) Vid. a obra cit. de *David Lopes*, Port. contra os mouros, Lisboa, pág. 37 e nota 1.

«não é porém só pelos lances de esforço e de valor militar nela dispendidos, que havemos de aquilatar a importância da batalha. *Esta aprecia-se pelo valor dos interesses e esperanças da nascente nacionalidade nela comprometidos, e pelo valor material e moral dos resultados nela alcançados.* A morte ou talvez só a derrota do infante português em Ourique, teria como consequência o naufrágio completo das suas aspirações e dos homens de armas que o acompanhavam. Por vezes na vida dos povos, um sucesso comum é elevado pelas circunstâncias, que lhe imprimem colossais proporções de um grande acontecimento. *Ourique, diz-se, foi uma correria, um vulgaríssimo fossado. Não há dúvida que o foi inicialmente.* Mas, de súbito, o príncipe que realisa a correria, com a fina flor dos seus cavaleiros, vê-se assediado pelas forças de um poderoso exército, e não deixa após de si, nem descendência, nem outros homens de armas capazes de receber a herança de responsabilidades que êsses bravos representam. O recontro que vai ferir-se volve-se em batalha decisiva, e de ela pende

a vida e o futuro da nacionalidade. Diz-se que, nesse dia, os portugueses, no delírio da vitória alcançada, aclamaram rei o príncipe que os guiara ao triunfo. *Essa aclamação não consta pelos documentos*; mas o valor moral, a importância e o carácter da batalha, vale bem, perante a história, uma aclamação que então tivesse sido feita pela voz de dois ou três mil combatentes.”

Que se pode inferir, que ilacções se podem tirar de todo o arrasado feito até aqui quanto à importância da batalha de Ourique?

Difficil é dizê-lo; para nós a falta de documentos ou textos, que elucidem a questão, não permite estabelecer uma doutrina sólida.

Recorde-se o que dissemos atrás ao perfilharmos o princípio estabelecido, por dois metodólogos de incontestável valor intrínseco, em matéria de assuntos históricos: *pas de documents, pas d'histoire!*... ⁽¹⁾

Tentar determinar a importância da Ba-

(1) Vid. pág. 16.

talha por um processo indirecto é enveredar pelo caminho das conjecturas, que podem ser bem falíveis; será, talvez, mais cómodo, mas êste processo não nos pode levar à verdade sciêntífica!...

Fiquemo-nos, pois, *prudentemente* ⁽¹⁾ pela única e talvez possível afirmação, quanto à importância da batalha, e que é a de que ela foi um verdadeiro fossado, como sustentou *Herculano*.

Com efeito; no Elucidário de *Viterbo* (verb. Fôro Morto) lê-se: no. de 1139, e no mês de Julho, D. Afonso Henriques, intitulado-se *Infante*, e indo de caminho para o *fossado de Ladera*, doou, e juntamente vendeu a Monio Guimarães um casal em Travansela, termo de Satan...; e a propósito de Ladera diz-se no mesmo Elucidário

(1) Esta regra de prudencia é de uma applicação frequente; no estudo da história, não a percamos de vista, e evitaremos numerosos erros em que de outro modo poderíamos cair. Pelo menos nos ensinará a não nos transviarmos em particularidades inúteis (*Jayme Balmes*, O Critério, trad. de João Vieira, 2.^a ed., 1877, pág. 86).

que nas inquirições reais se faz menção de uma terra chamada *Ladeya* ou *Ladeia* não longe da foz do Zézere. Ou digamos que Ladeya era o *Rabaçal*, por onde a estrada se encaminhava para o Alentejo. ⁽¹⁾ «*Como quer que seja, parece fora de questão, que o Príncipe D. Afonso se ia chegando para o*

(1) Vid. Fr. *Joaquim de Santa Rosa de Viterbo*, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases, etc.*, 2.^a ed., MCCCCLXV, tom I, pág. 335; tom II, pág. 51. *David Lopes* na sua já cit. obr. *Os Arabes nas obras de A. H.* explicando o objectivo dos fossados diz: «estas expedições anuais tinham por objectivo destruir as colheitas do inimigo, e de essa vez D. Afonso Henriques ter-se-ia dirigido aos férteis campos do Ribatejo, ainda dentro do distrito de Santarém. Era atacar o seu adversário de flanco. Esmar haveria saído a rechassá-la e ter-se-ão batido ali. Os documentos da época dizem «Campum Ourich», «locum Oric», etc., e não se referem a povoação importante junto da qual se travasse a batalha; e esta circunstância favorece a nossa hipótese. Demais, este «Ourique» ficava «no coração da terra dos mouros», como quer a *Chronica dos Godos*; e como a batalha foi sem importância para os contemporâneos pode não ter-se formado tradição local. Depois o tempo de que dispôs D. Afonso Henriques dificilmente lhe consentia ir mais longe. A batalha deu-se em 25 de

Campo de Ourique, onde naquêlê mês, e ano lançou os fundamentos sólidos à monarquia lusitana».

Pascual de Gayangos também se inclinou para a opinião de que Ourique não passou de uma escaramuça. Recordemos as suas palavras: «..... me decidi á tomar la pluma y salir á la defensa de la opinion que V. sustenta, á saber que el suceso de Ourique no pasó de una escaramuza...» (1)

Julho; ora em princípios do mesmo mês o nosso rei achava-se ainda nos seus domínios. Prova-o a doação feita nesse tempo a Monio Guimariz de um casal de Travansela em Satão que o soberano havia recebido de Gontumiro, quando fôra ao fossado de Ladera. É difficil dizer se o documento foi feito em Satão — o que daria mais fôrça à nossa tese —, se em Coimbra; como quere que seja, partindo nos primeiros dias de êsse mês, êle teria tempo de sobra para estar em 25 em Ourique — o Ourique dos lados de Santarém. Tal é o estado da questão. *O resultado obtido não é plenamente concludente, mas de êste modo o problema fica simplificado e posto em bases positivas.* Assim um facto sem importância politica adquiriu importância histórica (pág. 177).

(1) Vid. a Adverência apud Hist. de Port. de A. H., ed., cit., de 1916, em que se incluye a carta de P. de G.

É, que, na verdade, não é servindo-nos dos dados de um *Acenheiro*, ⁽¹⁾ fértil em patranhas, ou de um *Antônio Caetano Pereira*, ⁽²⁾ mentiroso e desonesto, não é lançando mão, repetimos, de êstes informadores, que conseguimos traçar um período da história pátria com a gravidade, que a deve caracterizar como, em abstracto, ensinava *Mabillon*. Mas infelizmente o Snr. *Antônio Cabreira*, *sacerdos magnus*, da corrente, que apelidamos de neo-tradicionalista, socorre-se, para construir a sua tese, de Autores de mérito e gravidade similar à que devemos atribuir aos referidos *Acenheiro* e *A. C. Pereira*!... É lastimável, sem dúvida...

E, lamentavelmente, não se teve em consideração a regra: «quando as narrativas

(1) Vid. *H.* nota ao Bispo Negro, apud Lendas e Narrativas, tomo II, 12.^a ed., pág. 73.

(2) *David Lopes*, A. H., A. C. P. e a Batalha de Ourique, estudo crítico; neste estudo evidência o ilustre Prof. quanto A. C. P. era desleal, e quão fraco era o seu saber e espírito crítico. Também *Gayangos* já o tinha demonstrado.

variam, não nos devemos deixar atrair pela consideração do número, mas sim pelo mérito e gravidade dos autores, visto que muitas vezes acontece que a autoridade de um autor grave e sincero merece preferir-se ao testemunho de cem de menos fé, porque êstes se foram repetindo uns aos outros sem madura discussão e diligente exame das coisas. . . .”

Pelo exposto afigura-se-nos ter ficado exuberantemente demonstrado que grandes dúvidas se podem suscitar relativamente a Ourique. As coisas passam-se paralelamente como se se tratasse de saber e apurar a localização; é um caso puramente idêntico. Por conseguinte é, indubitavelmente, grave, gravíssimo mesmo, proclamar, sem prudentes reservas, que a batalha teve a mais alta importância e foi a pedra angular da monarquia portuguesa, como querem os da corrente clássica.

Tal afirmação só poderia ser conscientemente feita se em vez de afirmações supositiciamente concretas houvesse um documento ou existissem provas concludentes de que a batalha teve uma grande impor-

tância. Não as há; tudo são, pois, hipóteses e simples conjecturas!

Pois, ultimamente, não houve dúvidas em afirmar-se: *a)* que a aclamação de D. Afonso Henriques, no próprio campo da batalha, em espontânea vibração de epopeia reflectia, claramente a consciência de um povo a atingir, enfim, o seu ideal étnico; *b)* que o vulto moral assumido pela nacionalidade era de tal ordem que determinou, em pouco tempo, o reconhecimento da Monarquia pelo altivo Imperador das Espanhas, vulto que, naquela época, só poderia provir de um estrondoso sucesso militar; *c)* que a batalha de Ourique, dentre tantas memoráveis ganhas aos leoneses e aos mouros, foi a única que a Alma Portuguesa venceu emotivamente, através dos séculos, como início da Independência...⁽¹⁾

(1) Vid. *António Cabreira*, obr. cit. pág. 21; estas afirmações de A. C. não podem ser justificadas pelos textos. São proposições que a crítica histórica não permite. Após os trabalhos de *Herculano*, *David Lopes* e *Gayangos* não há o direito de fazer semelhantes afirmações; causa-mé uma certa surpresa que se salte por cima de factos absolutamente já assentes!...

Os textos, os raciocínios lógicos de Autores de tãda a idoneidade não permitem tais conclusões por impossibilidade de as provar.

A importância da batalha constitui, ainda hoje, matéria para as mais amplas e largas divagações, para a construção de várias teses, filhas de determinados conceitos puramente subjectivos e pessoais, de discutível valor convincente e persuasivo!...

De aqui um mundo de hipóteses em que a fantasia pode crear as doutrinas mais atraentes e enamorantes conforme a meta a atingir. E assim organisaremos não uma História mas uma conspiração da mentira contra a verdade dos successos, como diria *José de Maistre*.

Outro entusiasta da corrente neo-tradicionalista pesando, naturalmente, a gravidade de afirmações, que temos de qualificar de menos exactas, como as de *António Cabreira*, foi mais comedido nas conclusões do seu trabalho. Quero referir-me ao Snr. General *V. J. César* ⁽¹⁾; afirmou este:

(1) General *V. J. C.*, obr. cit., págg. 43 e 44.

a) que a batalha de Ourique não teve uma extraordinária importância militar, pois D. Afonso Henriques não conseguiu tomar Santarém; mas contudo repeliu os mouros, ficando senhor do campo de batalha, o que naqueles tempos era o característico da vitória; b) teve porém uma grande importância política pois D. Afonso Henriques vê em volta de si os mais notáveis ricos homens de Portugal, todos vendo nêlo o seu rei, chefe de uma incipiente nacionalidade.

O Snr. *Ludovico de Menezes* ⁽¹⁾, por seu turno, segue, a êste propósito, uma doutrina bem diferente. Recordemos; frisou êle, que à excepção da crónica dos godos, de que se socorreu *Viterbo*, a referência à batalha de Ourique é leve e passageira; e que de esta leveza e dos próprios termos da menção do facto na mesma crónica se infere, que o feito se possa reduzir às justas proporções de um fossado, não longe da linha do Tejo. A isto se juntou mais

(1) Cfr. a proposta inserta no «Século» e transcrita de págg. 46 a 51.

tarde, possivelmente, o maravilhoso da descrição de uma batalha, ocorrida depois entre a conquista da linha do Tejo e a conquista definitiva do Alentejo.

É mais uma conjectura; no entanto bem mais racional e aceitável que as anteriores defendidas, respectivamente, por *A. Cabreira* e *V. J. César*. Peca, porém, pelo mesmo vício de origem que, também se nota naqueles; o não se apoiar em qualquer documento de onde se deduza directamente a história segundo os preceitos da moderna técnica.

Concluindo; nem pelo que dissemos àcerca da localização, nem pelo que afirmamos sobre a importância da batalha de Ourique podemos, no estado actual da ciência histórica, avançar com uma proposição bem firme e defendida, que dissipe toda e qualquer dúvida das muitas, que alimentam o que apelidamos de «Enigma de Ourique»!...

Esta é que é a verdade; tudo o que se diga em contrário não passa de um fantasmagórico romance. E porquê? Porque «notre époque surtout, dont l'esprit scien-

tifique est disposé à ne plus croire sur parole, mais seulement sur preuve, ne prêterá jamais foi aux déclamations pompeuses; elle ne s'incline que devant l'éloquence, bien autrement convaincante, des faits». (1)

Por isso é que não acharíamos palavras mais apropriadas para finalizar este trabalho do que as que encerram esta verdade irrefutável: «não conhecermos a nossa própria história é de bárbaro; conhecê-la, porém, viciada, tecida de burlas e de piedosas fraudes, é pior. Porque no primeiro caso, com não sabermos quem somos, nem nos dizerem de onde viemos, essa mesma ignorância obstará a que perpetremos muitos desconcertos; ao passo que se laborarmos no vício de uma falsa informação, daremos, muitas vezes, com a memória das fábulas que nos tiverem ensinado, razão sobeja e justificada a que se riam de nós». (2)

(1) *Xénopol*, obr. cit. pág. 53.

(2) *José Caldas*, Hist. de um Fog. Mort., Porto, 1914, págg. VII e VIII da introd.

